



RECORTES DE IMPRENSA

AGOSTO 2013



ISO 9001

BUREAU VERITAS
Certification

N° PT 000 251



COM O APOIO:



CRIMES ■ UMA DAS VÍTIMAS TEM 25 ANOS E PROBLEMAS COGNITIVOS

Predadores sexuais atacam familiares

■ Polícia Judiciária fez três detenções, por abuso sexual, em Lisboa, Penafiel e na Guarda

● ANA ISABEL FONSECA/
/TÂNIA LARANJO/PATRICIA
M. CARVALHO/ISABEL JORDÃO

A Polícia Judiciária efetuou três detenções por crimes de abuso sexual em Penafiel, na Guarda e em Lisboa. Nos dois primeiros casos, as vítimas são duas crianças. Em Lisboa, os atos foram perpetrados sobre uma jovem, de 25 anos, com problemas cognitivos.

Em Penafiel, o suspeito, de 34 anos, foi detido por abusar da filha de 13 anos. A menor engravidou do pai e irá agora proceder a uma interrupção voluntária da gravidez. A menina e irmã mais nova estavam há vários anos à guarda do pai, após terem sido abandonadas pela mãe. Pelo menos desde o final do ano passado, o suspeito, que está desempregado, abusava da filha mais velha.

Há alguns dias, a menor foi a uma consulta no hospital, os médicos descobriram que aquela estava grávida e denunciaram o caso à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens. Numa primeira fase, a menor não revelou que era abusada pelo pai. O pedófilo também se fingiu surpreendido. A vítima perdeu entretanto o medo e contou tudo. O suspeito foi preso pela PJ do Porto e presente a tribunal durante o dia de ontem. Já está em prisão preventiva.

Em Lisboa, um homem de 70



RICARDO CABRAL

🔍 PORMENORES

● 165 CRIMES SEXUAIS

Segundo a APAV, em 2012, 79 pessoas foram vítimas de violação, 34 de assédio sexual e 52 crianças com menos de 14 anos foram abusadas.

● 186 DETIDOS EM 2012

Segundo o RASI, 85 pessoas foram detidas por abuso sexual de crianças e 45 por violação.

anos abusou sexualmente da neta, de 25 anos, que tem uma deficiência mental. Os atos foram descobertos porque a jovem contou aos pais o que o avô lhe fazia, sem ter noção da gravidade dos factos. O homem foi presente a tribunal e está agora em prisão preventiva.

Na Guarda, a vítima é uma menina que já estava sinalizada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco.

Uma das vítimas tem 13 anos e acabou por engravidar

O alegado pedófilo é estudante e tem apenas 21 anos, abusando sexualmente da menor em casa dela, situada na cidade da Guarda, aproveitando-se da relação amorosa que mantinha com

a mãe da menina.

O detido foi preso pela PJ da Guarda, no final da semana, e sujeito a primeiro interrogatório judicial. Foi libertado, mas está proibido de contactar com a menor e com a mãe dela. ■



Homem foi detido pela Judiciária do Porto

Alegou que não forçou filha

● Às autoridades, o pedófilo que engravidou a filha alegou que não sabia por que motivo tinha cometido os abusos sexuais. Disse que estava a ser medicado, que não se recordava muito bem como tudo tinha acontecido.

O suspeito, de 34 anos, adiantou também que nunca forçou a filha a manter os atos sexuais, que tudo teria sido

consentido. Justificou ainda os seus atos com o facto de ser um homem sozinho.

A investigação permitiu concluir também que o pedófilo nunca terá abusado da filha mais nova.

As duas menores estiveram em risco de ir para uma instituição, mas, entretanto, um familiar mostrou-se disponível para cuidar das crianças. ■

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ■ FALTAM APOIOS PARA MULHERES QUE ABANDONAM O LAR

Foge de agressor para passar fome

■ Anabela, 47 anos, é pós-graduada, mas está no desemprego. Fugiu de casa com os dois filhos de 4 e 5 anos para não morrer às mãos do marido

● JOÃO NUNO PEPINO

Fugiu do meu marido para não morrer de pancada e agora corro o risco de morrer à fome". O desabafo é de Anabela (nome fictício), que em janeiro deste ano abandonou o lar e pôs um ponto final em quase oito anos de agressões físicas, verbais e psicológicas. Hoje, com dois filhos menores a seu cargo, lamenta mal conseguir sobreviver com os apoios que o Estado concede às vítimas de violência doméstica.

"A revolta que sinto é muito grande. Às vezes, até penso que o melhor era ter ficado em casa", afirma a mulher, de 47 anos, pós-graduada no desemprego, e vítima silenciosa de um militar de carreira do Exército Português. Depois de ter apresentado queixa do marido às autoridades e denunciado o caso à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), foi morar com os filhos para uma casa arrendada em Santarém. Recebe 229 euros do Rendimento Social de Inserção (RSI) e um abono de família de 83 euros dos menores. As refeições são dadas por uma instituição de solidariedade.

"Alguém acha isto suficiente para criar duas crianças?", questiona Anabela, acrescentando que o dinheiro "não chega sequer para a renda, quanto mais para comida e outras despesas", como a farmácia ou a escola.

Mas o caso piora. O Tribunal de Santarém fixou a pensão de alimentos que o ex-marido terá que garantir aos filhos: 130 euros por cada um, que têm 4 e 5 anos.

"Às vezes, penso que era melhor ter ficado"

Anabela



Anabela abandonou o lar em janeiro com os filhos menores

Porém, a partir do momento em que começar a receber estes 260 euros, perde o direito ao

Rendimento Social de Inserção.

"Nunca me conformarei com esta injustiça. Perco o único apoio que tenho por um direito que os meus filhos têm", explica a mulher, que se queixa ainda da justiça ser cega e insensível ao fixar um valor tão baixo.

"Não quero uma pensão de alimentos milionária; quero apenas algo que nos permita viver com o mínimo de dignidade, ainda por cima sem o RSI", lamenta. ■

🔍 PORMENORES

● FILHOS ASSISTIAM

Anabela tomou a decisão de sair de casa quando os filhos começaram a apresentar as agressões e a verbalizar na escola.

● EMIGRAR É SOLUÇÃO

Aos 47 anos, parece-lhe difícil conseguir um emprego. Tem apoio familiar noutro país e pretende emigrar, mas precisará do consentimento do ex-marido.

2012

Violência doméstica

Perfil da vítima
Mulher 5669**

- Reside nas grandes cidades
- Entre os 35 e 40 anos
- Casada
- Com filhos
- Empregada

Crimes*
20 311
Viol. doméstica
16 970

*Registados pela APAV
**A mesma mulher é vítima de vários crimes

Perfil do agressor

Homem

- Reside nas grandes cidades
- Entre os 35 e 40 anos
- Casado
- Com filhos
- Empregado

Em relação a 2011

Maus tratos físicos

4530 ➕109

Maus tratos psíquicos

6085 ➕854

Homicídio tentado

57 ➕25

Homicídio consumado

1 ➕5

Vítimas, familiares e amigos apoiados pela APAV



Fonte: Rel. Anual Estatísticas 2012 da APAV

CM



ID: 49228629

13-08-2013

Dono de antigo café condenado a quatro anos por ter baleado cliente

Ovar Tribunal condenou homem que, em Março de 2011, baleou à queima-roupa um cliente, durante uma rixa

O Tribunal de Ovar condenou, ontem, a quatro anos e três meses de prisão efectiva o dono de um antigo café que baleou à queima-roupa um cliente, durante uma rixa.

O caso ocorreu em Março de 2011, no estabelecimento situado à face da Estrada Nacional n.º 109, na freguesia de Maceda.

O proprietário do antigo café,



A sentença foi conhecida, ontem, no Tribunal de Ovar

de 39 anos, estava acusado de tentativa de homicídio na forma agravada, ofensa à integridade física e detenção de arma proibida.

O homem baleado, um camionista de 53 anos, também acabou por sentar-se no banco dos réus para responder por um crime de detenção de arma proibida.

O colectivo de juízes deu como provado que o camionista, que estava embriagado, envolveu-se numa discussão com o irmão do dono do café e foi a casa buscar um "facalhão", regressando, mais tarde, ao estabelecimento para retaliar.

Durante a contenda, o dono do café puxou de uma arma e disparou contra o camionista, que se encontrava a uma distância inferior a dois metros, atingindo-o na região torácica.

O dono do café foi condenado a quatro anos de prisão

pelo crime de tentativa de homicídio e nove meses de prisão por ofensa à integridade física, tendo sido absolvido do crime de uso de arma proibida.

O cúmulo jurídico resultou numa pena única de quatro anos e três meses de prisão, tendo o colectivo de juízes optado por não suspender a execução da pena.

"A comunidade exige uma punição severa. Ainda que não tenha ocorrido a morte, não podemos esquecer que houve uma conduta para tirar a vida a outra pessoa", sublinhou o juiz Sandro Ferreira, destacando que o arguido não mostrou qualquer arrependimento, nem fez nenhuma tentativa de minorar os danos.

Condenado a pagar indemnização

O arguido, que durante o julgamento negou ter disparado qualquer arma, vai ainda ter de pagar uma indemnização de dois mil euros ao filho da vítima, que também foi agredido durante os confrontos, e cerca de dois mil euros ao Centro Hospitalar do Baixo Vouga.

O camionista acabou por ser também condenado a um ano de prisão com pena suspensa por igual período, sujeita ao pagamento de 750 euros em prestações mensais à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

"A sua conduta está na origem de tudo o resto", afirmou o juiz, que condenou ainda a postura do arguido em tribunal ao ter dito que não se lembrava de nada, considerando que se tratava de uma "amnésia muito esquisita".

"Apesar de estar muito bêbedo, pegou na 'scooter', foi a casa buscar uma faca e regressou ao café", lembrou o magistrado, afirmando que esta versão "não convenceu ninguém".

O camionista acabou por ser também condenado a um ano de prisão com pena suspensa por igual período, sujeita ao pagamento de multa



ID: 49229037

13-08-2013

Aumentam casos sinalizados de maus-tratos a menores

A sinalização de casos de maus-tratos a menores regista um aumento significativo, segundo dados da Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CNPCJR), que vai apresentar, em breve, um relatório do primeiro semestre do ano.

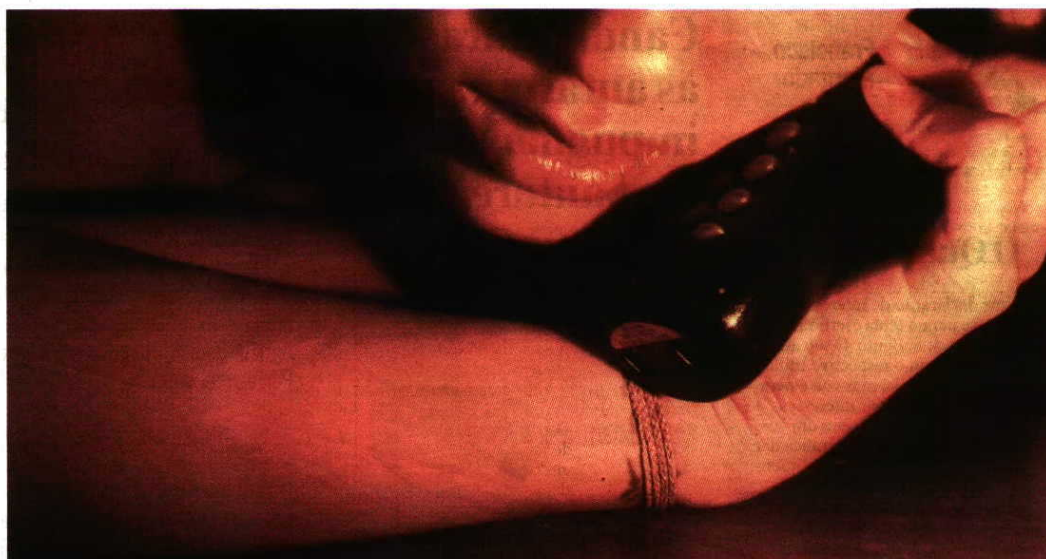
O presidente da CNPCJR,

Armando Leandro, disse que «as pessoas sinalizam bastante os casos de maus-tratos a menores», mas esse aumento não corresponde necessariamente a um maior número de crianças maltratadas.

Armando Leandro vinhou que a sinalização de casos de maus-tratos «é

algo de muito positivo», por se tratar de uma intervenção importante para «a proteção de crianças e jovens». «Há uma consciência pública mais aprofundada de que não podem ocorrer estas situações e que a sinalização é crucial», sublinhou.

Redação/Lusa



Distrito de Santarém registou 372 casos de violência conjugal

Agressões domésticas aumentam no verão

O número de casos de violência doméstica aumenta no verão devido ao maior convívio entre casais, defende o director-executivo da Associação de Apoio à Víctima, que sublinha a agressividade crescente e a contribuição da crise para

os atritos.

"Há convicção de quem está no terreno que no verão, a partir do momento em que há maior convívio, acaba por acontecer a violência", considera João Lázaro.

A subida dos números no verão pode explicar-se "por haver mais tempo do agressor

e da vítima em casa e daí haver mais violência", avança o responsável da APAV, adiantando que a crise também contribui para o problema.

Ainda que não exista uma relação causa-efeito, a crise financeira também pode levar a violência, referiu João Lázaro, lembrando que "a pressão económica e a falta de trabalho são situações que podem proporcionar mais um factor que leva à agressão e aos atritos".

O relatório anual lançado pela APAV dá conta que, em 2012, foram sinalizados 372 casos de violência doméstica no distrito de Santarém. Este número coloca a região no 13º lugar da tabela onde são registados mais casos.

No total nacional, a associação registou 12084 relatos de abusos um número que tem vindo a aumentar gradualmente.

O director executivo da APAV admite que a subida "é preocupante", mas sublinha um outro fenómeno: o aumento da violência dos crimes.

"Os crimes estão a tornar-se mais violentos, as metodologias estão mais violentas e isso reflecte-se na área da violência doméstica", disse.

"Assim como a criminalidade violenta de assaltos utiliza novos meios e metodologias, actualmente vê-se um grau maior de sofisticação - se assim se pode dizer - nos meios utilizados na violência doméstica, explicou João Lázaro.

Aumento da violência que pode passar pelas armas usadas - "seja armas brancas quer de toalhas molhadas retorcidas" - mas também pelos métodos de agressão.

APAV ■ UM TOTAL DE 809 PESSOAS IDOSAS FORAM AGREDIDAS EM 2012

Mais violência contra os idosos

■ Filhos que batem nos pais ou os maltratam psicologicamente são casos cada vez mais frequentes. A crise económica faz aumentar o problema

■ CRISTINA SERRA

Uma filha, alcoólica, batia na mãe idosa sempre que as coisas não corriam como esperava. Noutro caso, um filho, desempregado, agredia verbal e fisicamente o pai, idoso, quando este se negava a dar-lhe mais dinheiro. Estes são casos reais que ilustram a violência contra idosos, um problema que tem vindo a aumentar em Portugal. Só em 2012, houve o registo de 809 pessoas idosas vítimas de crime, um aumento relativo a 2011, quando foram identificados 749 casos, segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

De acordo com os números da APAV, mais de 11 300 idosos com mais de 65 anos, na sua maioria mulheres, foram vítimas de violência doméstica desde o ano 2000.

João Lázaro, presidente da APAV, afirma ao **Correio da Manhã** que “há uma tendência crescente do fenómeno da violência contra os idosos”.

A grave crise económica e social que o País atravessa potencia, segundo João Lázaro, o aumento da dimensão do problema da violência contra os mais velhos.

Tal como acontece com outras vítimas mais novas, a violência contra os idosos não é devidamente conhecida porque a maioria das vítimas não denuncia a agressão. Cala-se e sofre.

Além dos casos de agressão física, João Lázaro lembra todas as outras situações “de maus tratos psicológicos e de negligência”.

Maioria das vítimas silencia as agressões e não denuncia

Dá como exemplo as situações em que os idosos passam o dia inteiros sozinhos ou são internados em instituições contra a sua vontade.

Há ainda os casos dos filhos que, vendo-se desempregados e sem rendimentos, voltam para casa dos pais para ficarem com o seu dinheiro. “O agressor isola economicamente a vítima e deixa-a numa situação desprotegida”, salienta o presidente da APAV. A maioria dos agressores são familiares. Em menor número, são vizinhos ou funcionários de lares. ■



Muitos idosos passam o dia sozinhos ou são internados em lares contra a sua vontade

✚ PORMENORES

● **COMISSÃO DE PROTEÇÃO**
A dimensão do problema da violência contra os idosos leva a Ordem dos Enfermeiros a defender a criação de comissões de proteção de idosos, à semelhança do que acontece com os menores.

● **ÁLCOOL E POBREZA**
O alcoolismo e a pobreza são fatores sociais que estão ligados ao problema da violência física e psicológica contra os mais idosos. O desemprego faz aumentar casos de agressão.

Enfermeiros com formação ajudam à prevenção

● A Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros (OE) vai promover uma ação de formação para os profissionais, com vista à prevenção da violência em doentes e idosos. A iniciativa, entre os dias 29 de agosto e 11 de outubro, destina-se aos enfermeiros de centros de saúde, hospitais, centros de dia e lares. “Os profissionais estão atentos à identificação dos casos. É preciso saber quando uma escoriação se deve a uma queda ou a uma agressão”, afirmou ao CM Isabel Oliveira, da OE. ■

AGRESSÕES ■ PEDIDOS DE AJUDA TÊM AUMENTADO

Casos de violência afetam 1150 gays

■ Lisboa, Porto e Setúbal são os locais com mais atendimentos registados

● ANDRÉ PEREIRA

O número de homossexuais que pedem ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) aumentou nos últimos dois anos. Segundo Daniel Cotrim, assistente técnico da APAV, representam 5 a 6% do total de atendimentos registados em 2012. São cerca de 1150 pedidos de ajuda de um dos elementos de casais homossexuais.

Os casos de violência doméstica em casais gays (homens) são mais frequente do que nos lésbicos (mulheres). “É a nossa percepção. Só a partir do próximo ano vamos ter dados com distinção entre casais hetero e homo”, explicou Daniel Cotrim, dando conta que Lisboa, Porto e Setúbal são os locais com mais casos.

A chantagem de revelar a homossexualidade e a ameaça de expulsar o companheiro de casa são os tipos de violência mais frequentes. A violência física é mais comum nos casais gays. Não há registo de casos mortais.

À semelhança dos heterossexuais, a violência é uma das razões para o divórcio nos casais homossexuais. Tuxa e Manuel, que se casaram em 2010, fazem parte dessa estatística. Em 2012, segundo o INE, foram registados 18 divórcios, 12 entre homens. Casamentos, revelou o Ministério da Justiça, foram 1111 de junho de 2010 a agosto deste ano. ■

SAIBA MAIS

PORTUGAL ENTRE 15

Portugal faz parte dos 15 países onde o casamento homossexual é possível. Nos Estados Unidos, México e Reino Unido o casamento não é reconhecido em todo o país, só em certas regiões.

2010

A lei que permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo entrou em vigor no dia 5 de junho de 2010. Cavaco Silva promulgou a lei a 17 de maio.

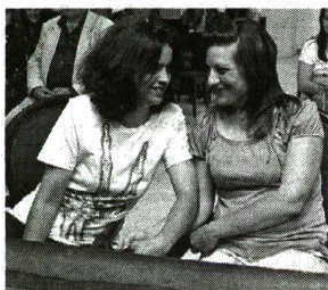
ADOÇÃO VAI A VOTOS

A adoção por casais homossexuais vai ser votada no Parlamento em setembro.

**Tuxa e Manuel
Fonseca casaram
a 7 de julho
de 2010**



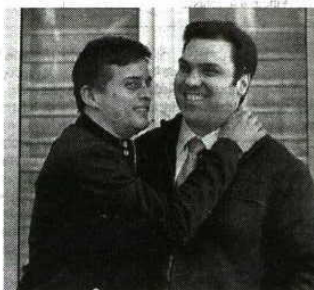
MARLINE ALVES



Helena e Teresa no casamento

Helena e Teresa foram pioneiras

● O primeiro casamento homossexual em Portugal foi protagonizado por Teresa Pires e Helena Paixão. A cerimónia realizou-se a 7 de junho de 2010, mas já viviam juntas há oito anos. Cada uma tem uma filha, de relações anteriores. ■



Carlos Marciano e Nuno de Sá

Violência separa social-democrata

● O antigo líder da Juventude Social-Democrata, Jorge Nuno de Sá, casou-se em janeiro de 2011 com Carlos Marciano. Nuno de Sá foi depois acusado de ter tentado asfixiar o companheiro venezuelano e acabaram por se separar. ■



Trabalhador dos CTT pediu ajuda à APAV

APOIO À VÍTIMA Um funcionário a trabalhar há mais de 20 anos nos CTT pediu ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) por alegadas pressões exercidas pela chefia de Coimbra, que «o colocaram bastante debilitado», afirmou ontem um dirigente sindical.

Henrique Santos, coordenador regional do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações, disse à agência Lusa que um trabalhador, «com mais de 20 anos de casa», foi «ameaçado» por parte da chefia do Centro de Distribuição Postal (CDP) de Coimbra dos CTT de mudança de local de trabalho, depois de ter apresentado atestado médico para a renovação da sua baixa.

«Para além de confrontado com essa ameaça, a chefia também lhe disse que se não aceitasse voltar ao trabalho o iria pôr a saltar de giro em giro [área de distribuição do carteiro]», contou Henrique Santos.

O dirigente sindical referiu que as mesmas ameaças foram feitas a outros funcionários do mesmo CDP, sendo que «para os casos de trabalhadores com mais idade cria graves incómodos», que, no específico caso, le-

vou o funcionário «a pedir ajuda à APAV», ao sentir-se «coagido e desesperado».

Por sua vez, o porta-voz dos CTT, Fernando Marante, afirmou que os Correios de Portugal «não têm conhecimento de nenhuma situação do género que tenha ocorrido em Coimbra», informando que «não há nenhuma queixa apresentada» na empresa, «nem nada comunicado pelo sindicato».

«Os CTT vão pedir formalmente informações a este sindicato», declarou Fernando Marante, garantindo que, face às informações «que o sindicato terá», a empresa «não hesitará em tomar as medidas correctivas que entender adequadas».

O porta-voz da empresa considerou ainda que «se as informações fornecidas pelo sindicato nada indiciarem os CTT serão obrigados a concluir que este caso nada mais é que uma manobra de alarmismo».

O dirigente sindical disse à agência Lusa que o sindicato «não evidenciou este caso em específico» por estar à espera do plenário de trabalhadores que se vai realizar em Setembro, em que poderá ser elaborado «um pedido de exoneração da chefia local». ◀



//Sociedade

100

APARELHOS COMPRADOS

pelo Ministério da Justiça no final de 2012, para juntar aos 700 já existentes. Pulseiras são usadas desde 2007.

149 agressores com pulseiras por violência doméstica

Neste ano já morreram 23 mulheres ● Associação critica Justiça e falta de resposta às denúncias

Gina Pereira
gina@jn.pt

A 30 de junho havia 149 ar-
guidos em vigilância com
pulseira eletrônica por crí-
mes de violência doméstica.
Neste ano, a estatística
soma já 31 vítimas mortais
de violência em contexto
familiar. 23 são mulheres.

Tem estado a au-
mentar o número
de pessoas que
morrem vítimas
de violência doméstica,
em particular mulheres. No ú-
ltimo ano, de acordo com da-
dos do Observatório de Mu-
lheres Assassinadas da União
de Mulheres Alternativa e
Resposta (UMAR), houve 40
homicídios e 53 tentativas
de homicídio de mulheres (o
relatório anual de segurança
interna fala apenas em 37
pessoas vítimas de homicí-
dios conjugais, a maioria
mulheres).

Neste ano, tendo em conta

os casos noticiados pelo JN,
ascendem já a 31 as vítimas
de homicídios em contexto
familiar, sendo 23 mulheres.
Só na semana passada, três
mulheres foram mortas pe-
los companheiros ou ex-mar-
ridos.

Dados ontem revelados
pela Lusa mostram que a
aplicação da pulseira eletrô-
nica aos agressores, como
forma de os manter afastados
das vítimas, está a au-
mentar: a 30 de junho, se-
gundo a Direção-Geral dos
Serviços Prisionais, havia
149 arquivados com pulseira
eletrônica. Em maio eram
126 e em dezembro do ano
passado 116, contra 51 no
primeiro trimestre de 2011,
quando o sistema de contro-

lo à distância foi alargado a
todo o país.

Os dados foram conhecidos
no dia em que foi apresenta-
da uma nova campanha de
sensibilização contra a vio-
lência doméstica (ver texto
ao lado). E em que foram fei-
tas críticas à forma como são
tratadas as denúncias – que
muitas vezes não impedem
que a vítima venha a falecer
– e ao modo como o sistema
judicial lida com este flagelo.

“Há poucas condenações
reais e efetivas e pouca capa-
cidade de controlo dos agres-
sores”, disse, ontem, a vice-
presidente da Associação de
Mulheres contra a violência
(AMCV), Margarida Medina
Martins, criticando a Justiça
por não punir e travar devida-
mente este crime.

“Os agressores só param
quando o sistema os para.
Eles mudam de companhia
e vão maltratar outras pes-
soas. Isto não é uma coisa epi-
sódica”, disse a fundadora da
AMCV, que acusa o sistema
de não ser eficaz, “caso con-



Só na semana passada três mulheres foram mortas

trário não seriam as mulhe-
res e as crianças a ter de mu-
dar de cidade à procura de
abrigo”.

Apesar de considerar que
Portugal já tem legislação su-
ficiente para lidar com este
problema, Margarida Medina
Martins diz que é preciso um
“desenho integrado de inter-
venção”. “O agregado tem de
ser abordado de uma forma
única. A queixa-crime contra
o agressor tem de incluir to-
das as outras realidades da
vida da vítima como o pro-
cesso de divórcio e a regula-
ção do poder paternal”, disse.

Aquela associação reclama
instrumentos de identifica-
ção das situações que sejam
nacionais, para que não exis-
tam diferentes classificações

de perigosidade consoante a
pessoa que recebe a queixa, e
mais formação das pessoas
que trabalham na área.

“Os profissionais têm que
ser altamente especializados
para poder fazer boas avalia-
ções de risco e gestão para ga-
rantir que as mulheres não
sejam mortas”, disse, adian-
tando que em setembro a as-
sociação irá apresentar um
manual de avaliação e gestão
de risco e que até ao final do
ano as forças de segurança
também deverão passar a ter
um novo manual.

Outra das preocupações da
associação é a problemática
da violência sexual, para a
qual diz não existirem res-
postas em Portugal, que re-
clama há vários anos. ●

COMO AJUDAR



Angariar fundos

Uma nova campanha com o
mote “Esquecer a primeira
agressão é tão difícil como
esquecer o primeiro beijo”
assinala os 20 anos da As-
sociação de Mulheres contra
a Violência. Além de alertar
para a importância do en-
volvimento da sociedade ci-
vil, a campanha pretende
angariar fundos para o fun-
cionamento da associação,
que apoia cerca de 200 mu-
lheres/mês e precisa de 10
mil euros para funcionar.

Benfica associa-se à causa

No próximo jogo de domín-
go, frente ao Gil Vicente, o
Benfica vai associar-se a esta
causa, sintonizando to-
dos os seus canais na cam-
panha e apelando aos dona-
tivos através de sms
(61966) e de uma linha te-
lefónica (760207040). 300
casais serão desafiados a
beijar-se numa das bancas-
das do estádio.

82%

das vítimas são mulheres

de acordo com o Relatório
Anual de Segurança Interna
de 2012, que registou 37
mortes em contexto con-
jugal. No ano passado houve
menos queixas de violência
doméstica (menos 2896 ca-
sos, num total de 26084).
As associações admitem
que a crise terá levado mui-
tas mulheres a não apresen-
tar queixa.

“Há uma tolerância assustadora a qualquer morte”

“NÃO É ACEITÁVEL o núme-
ro de mortes por violência
doméstica que temos em
Portugal. Temos de nos mo-
bilizar todos para parar com
este drama”. O apelo foi fei-
to ontem por Margarida Me-
dina Martins, vice-presiden-
te da Associação de Mulheres
contra a Violência (AMCV),

que celebra, este ano, 20 anos
de atividade e, desde o início,
já fez mais de nove mil aten-
dimentos.

Apesar de todas as cam-
panhas, Portugal não tem esta-
do a conseguir combater este
tipo de violência. “É assusta-
dor. Portugal ainda tem uma
tolerância assustadora a qual-

quer morte”, lamentou, on-
tem, a fundadora da associa-
ção, que começou por traba-
lhar com vítimas de violên-
cia sexual numa junta de fre-
guesia de Lisboa, tendo mais
tarde alargado a sua ativida-
de a outros tipos de violência.
Atualmente, a associação é
responsável por duas casas

abrigo (foi responsável pela
abertura da primeira casa
abrigo e centro de atendi-
mento especializado a sobre-
viventes de violência domés-
tica) e, no ano passado, teve
uma média mensal de 192
utentes, num total de 669 si-
tuações novas (270 mulheres
e 399 crianças e jovens). É

também consultora de qua-
tro redes municipais e dá for-
mação a várias entidades.

Os acordos celebrados com a
Segurança Social foram dese-
nhados para um atendi-
mento de 40 pessoas/mês pelo
que, atualmente, a associa-
ção precisa de apoios para con-
tinuar a garantir a sua ativida-

de, necessitando de cerca de
10 mil euros/mês. Com as di-
ficuldades das empresas, que
até agora têm estado a ajudar
ao seu funcionamento, a as-
sociação decidiu agora lançar
uma campanha que é, simulta-
neamente, de angariação de
fundos e de sensibilização
para este problema. ●



OPINIÃO

[Editorial]

Aumenta a Violência Doméstica

Todos sabemos que a dignidade do ser humano, homem e mulher, é inviolável e deve ser respeitada e protegida, que todas as pessoas têm direito ao respeito pela sua integridade física e mental. A igualdade de género, com todas as consequências daí resultantes é um princípio fundamental de uma sociedade civilizada.

Todos defendemos que as crianças têm direito à protecção e aos cuidados necessários ao seu bem estar, quer na família ou entregues ao cuidado de entidades públicas ou instituições privadas.

O mesmo deve acontecer com os idosos com direito a uma existência condigna e de integração activa, de harmonia com as suas capacidades, na vida social e cultural.

Todavia, uma coisa são os princípios outra é a realidade.

Onde, parecia verificar-se uma evolução positiva, surgem agora sinais de retrocesso, na vida de muitos casais, onde de uma forma transversal aumentam os casos de violência doméstica, multiplicam-se os casos de crianças maltratadas pelos pais e nem os idosos escapam.

Num texto do Expresso, datado de 8 de Setembro de 2012, afirmava-se que nessa altura já tinha havido mais homicídios do que durante todo o ano anterior, segundo os dados da Associação UMAR, que contabiliza os homicídios conjugais em Portugal.

Os números falam por si, quatro mortes por mês, uma por semana, 22 mulheres mortas e 8 homens mortos, entre os 31 e os 50 anos, através de armas de fogo e armas brancas.

Há quem defenda a tese de que a situação era expectável devido à crise económica, ao desemprego, às dívidas, às discussões, às depressões, que conduzem a consequências imprevisíveis. É curioso verificar que três dos homicídios ocorreram entre casais homossexuais.

Há casos de homicídios que já estavam sinalizados, um terço das vítimas já tinha apresentado queixas formais e quatro tinham mesmo ordem de restrição do tribunal, que limitavam a aproximação dos agressores, que não foram devidamente acompanhados.

Todavia a violência doméstica é mais

sofisticada e frequente do que pensamos.

A par da violência física há muitos casos de violência psicológica, silenciosa, de ordem económica, de colarinho branco que não transpira para o exterior. O egoísmo sobrepõe-se ao diálogo. O amor próprio impede a tolerância e a prática cristã do perdão. Quando se analisam casos em concreto, de forma geral, encontram-se razões de parte a parte e falta de capacidade para dar o primeiro passo.

À falta do sentido de culpa moral ou cristã e capacidade de mudança, devem os casais, recorrer ao apoio psicológico ou psiquiátrico, na procura sincera de caminhos, que tornem a vida mais feliz, nos anos de vida que a natureza e, eu diria antes, que Deus permitir.

Tinha razão Paulo de Tarso ao escrever aos cristãos de Corinto e de forma especial aos casais, afirmando que o amor ou seja "a caridade é paciente, é benigna, não é invejosa, não é altiva nem orgulhosa; não é inconveniente, não procura o próprio interesse; não se irrita, não guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade".

O desafio deve ser, o que mais ama dá o primeiro passo para ir ao encontro do outro, perdendo-se mutuamente.

E em relação às crianças, são horrorosas as imagens divulgadas pela comunicação social. Quem não culpa a ser tratado com tanta violência. Que os pais e educadores tenham juízo e respeito pelos inocentes. Quanto aos idosos, relegados para o abandono e esquecimento, haja quem os proteja por parte do Estado e da sociedade civil, onde há felizmente muito coração generoso e capacidade de amar de forma graciosa e sem esperar recompensa humana.

Depois de tudo, lembremos ainda, que a violência doméstica é crime a denunciar e reprimir e que há organismos de porta aberta para acolher e encaminhar, designadamente a Polícia de Segurança Pública, a Guarda Nacional Republicana, os Núcleos Distritais de Apoio e genericamente todo o sector social.

Em conjunto procuremos construir uma sociedade mais justa, solidária e humana.

Virgílio Mendes Ardérius



OLHA

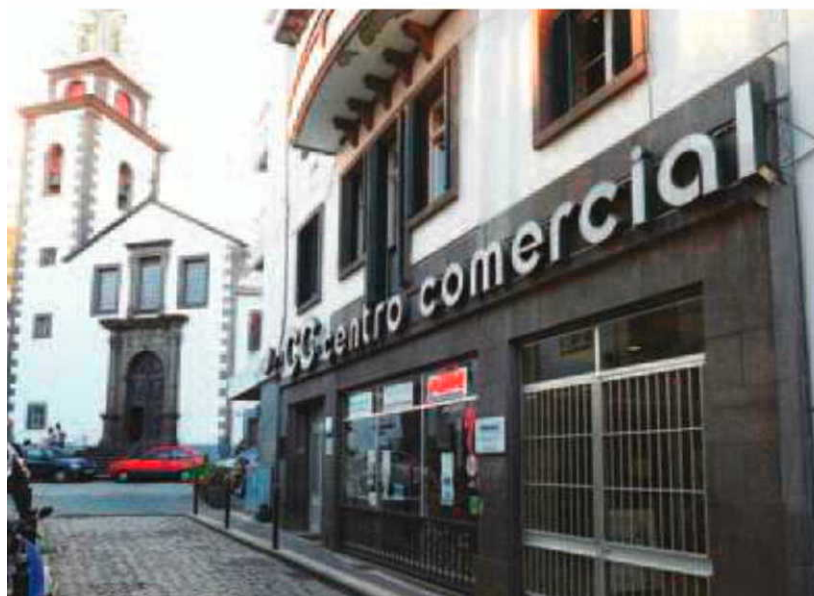
Valter Vinagre

Associação Portuguesa de Apoio
à Vítima, 2011, 135 págs., €80

Fotografia

O livro nasce como um alerta. O autor propõe-se fotografar as lágrimas caladas das vítimas de violência doméstica. Percorre o país de norte a sul e ilhas com a máquina apontada aos sinais do crime, aos rostos que se cobrem de pudor, aos objetos que marcam o sofrimento, às paisagens desoladas pela dor e pelo vazio. A tarefa não é fácil. É feita a preto e branco e a tatear, quase às escuras. Nesse limbo, as fotografias de Valter Vinagre movem-se entre os corpos e o espaço por eles habitado, e é desse diálogo que surge a coerência do livro, a mulher como eixo central. A cabeça não se vê de tão curvada que está, de costas, meia deitada numa cama desfeita, Isabel esconde-se do mundo. A expressão corporal diz-nos o porquê. À sua volta, a desarrumação do quarto, um amontoado de roupa, sacos de plástico, a caixa do pão e os sapatos são o espelho de uma vida destruída ou sem existência como as paredes vazias do espaço, onde um velho calendário de papel teima em frisar que os dias passam. Raquel tem a cara virada para o lado e o cabelo a cobri-la, a mão e o braço direitos a meio caminho de a atingir. Está sentada no nada. O *flash* da câmara do fotógrafo ilumina-lhe o corpo desleixado e faz sobressair um aquecedor junto à parede. Uma tábua de passar rota e queimada suporta um ferro antigo que talvez já não alise a roupa. A escuridão à volta. As fotografias gritam o que as retratadas silenciam. No entanto, todas elas partidas ao meio por um grafismo mal pensado (imagens paginadas num plano inteiro que o formato do livro obriga a coser ao centro), acabam por perder a força numa sistemática cadência de ritmo, pondo em causa esta suposta edição especial: 100 exemplares numerados e assinados pelo autor, acompanhados por uma *print* de pequeno formato.

Alexandra Carita



‘APOIO À VÍTIMA’ QUER ABRIR DELEGAÇÃO NA MADEIRA

P. 6



APAV abre delegação na Madeira

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) pretende proceder à abertura de uma delegação no Funchal, que será composta por vários voluntários na Região Autónoma da Madeira.

Verificando a existência de delegações de apoio à vítima de norte a sul do país, bem como na ilha dos Açores, José Barros, um dos dinamizadores desta situação, convidou o presidente da APAV, João Lázaro, a deslocar-se ao arquipélago da Madeira, juntamente com a secretária-geral da instituição, a fim de ponderarem a abertura deste centro. O interesse foi comum mas verificaram que necessitavam de alguns apoios para avançarem com o projecto.

Foram, assim, colocadas várias hipóteses em 'cima da mesa', tendo havido já reuniões com a autarquia

do Funchal, de forma a aferir sobre a possibilidade de existir algum financiamento. Bruno Pereira, candidato à presidência da autarquia pelo PSD-M, terá já manifestado alguma disponibilidade nesse sentido, caso vença as eleições.

A iniciativa revela ser do interesse público e tem por objectivo apoiar todas as vítimas de crimes, tais como violência policial, de incêndios, de roubos, de violência doméstica, maus tratos em idosos bem como os seus familiares e amigos, colaborando sempre com as instituições já existentes.

O serviço abrangerá todas as idades e deverá ser composto por um staff mínimo de técnicos residentes e por um grupo de voluntários com formação académica que terá como missão promover o bem-estar da população madeirense nos



Delegação da APAV poderá ficar instalada numa loja do Centro Comercial São Pedro. FOTO HÉLDER SANTOS

CENTRO COMERCIAL DE SÃO PEDRO ACOLHE ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA

vários pontos da ilha, indo ao encontro das necessidades das pessoas.

José Barros dá como exemplo o apoio às vítimas que perderam grande parte dos bens no incêndio do passado fim-de-semana, afirmando que a Madeira não precisa apenas de bombeiros e de PSP, mas também de alguém que preste ajuda psicológica.

Tendo cerca de 15 delegações no continente e uma nos Açores, chega agora a vez do Funchal ganhar também um espaço físico da APAV que irá se situar no centro comercial de São Pedro.

Para o 'arranque' desta iniciativa, João Lázaro, líder nacional da associação, aguarda o resultado das eleições autárquicas que se realizam a 29 de Setembro.

APAV recebe espetáculo sobre violência doméstica na infância

Lusa/AO online / Nacional / 28 de Ago de 2013, 17:49



703 visualizações

[Twitter](#) 2

[+1](#) 0

[Gosto](#) 85

[Enviar](#)

Outras notícias

Pais e professores receiam impacto de novas realidades

RTP assinou até agora 177 rescisões amigáveis entre cerca de 240 candidatos

Portaria que regulamenta honorários nas ações executivas entra hoje em vigor

Passos diz que Governo vai apresentar alternativa à mobilidade "muito rapidamente"

Portas fala de viragem do ciclo económico mas alerta que sinais

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) acolhe, na sexta-feira, a atriz Sandra José, para a apresentação de iniciativas no âmbito do espetáculo "Não Chove de Baixo para Cima", sobre a temática da violência doméstica na infância.

O espetáculo, que se estreia a 06 de setembro no Teatro da Malaposta, baseia-se num "caso real, quase autobiográfico, de uma mulher marcada por uma mãe com distúrbios de ordem psicológica".

"Define uma fronteira entre a loucura e a lucidez, entre o amor e o ódio, entre o passado e o presente, onde a violência emocional se transforma e nos transforma", refere uma informação da APAV, parceira no evento.

A sessão de apresentação tem entrada gratuita mediante inscrição prévia para o email secretariado@apav.pt.

Número de casos de denúncias de violência doméstica que chega à APAV tem aumentado

Categoria: Destaques Esquerda

Criado em 19-08-2013

Escrito por CA

O número de denúncias que chega à delegação açoriana da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem vindo a aumentar. Apesar de, até ao momento, não existirem dados estatísticos, Sílvia Branco, gestora de apoio à vítima da APAV, refere que existem cada vez mais pedidos de ajuda, mas os processos de continuidade são os principais casos, como explicou à Atlântida. Sílvia Branco acrescentou ainda que o principal crime continua a ser o de violência doméstica. Para além desse, existem outros como a violência financeira sobre os idosos, furtos e crimes patrimoniais, onde é prestado apoio jurídico.

A gestora da APAV realçou ainda quais as causas fundamentais para o aumento das denúncias, por parte das vítimas.

A associação juntamente com o Comando Regional da Polícia de Segurança Pública (PSP) tem desenvolvido ações de sensibilização junto dos jovens sobre violência no namoro, bullying e também toxicod dependência, o que leva a que haja um maior número de denúncias mesmo que sejam feitas de forma anónima.

Sílvia Branco salientou que os Açores continuam a ser a quarta ou a quinta região que mais contribui para as estatísticas, dependendo dos meses.

As pessoas que são vítimas de crime, muitas vezes não sabem, ou têm dúvidas sobre o que fazer. Necessitam de alguém, que de uma forma amigável e solidária, as possa escutar, compreender e ajudar.

A APAV refere no seu site existe para isso: para ouvir, aconselhar e apoiar. "Escutamos de forma atenta e interessada. Informamos e aconselhamos sobre os seus direitos e como exercê-los. Esclarecemos e acompanhamos no relacionamento com as autoridades policiais e judiciais, orientando e ajudando nas diligências a tomar.

Ajudamos a Vítima e seus familiares a superar o sofrimento da vitimação. Apoiamos e encaminhamos para os apoios sociais existentes. Prestamos apoio emocional, jurídico, psicológico e social a quem é vítima de crime e a seus familiares, desenvolvendo um processo de apoio qualificado". Os serviços de apoio prestados a cada vítima são gratuitos e confidenciais.

Na APAV as vítimas de crime têm encontrado resposta às suas necessidades específicas. "Em virtude da nossa intervenção e apoio, temos sido procurados por um número crescente de cidadãos, na nossa rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima, que também existe em S. Miguel.

A APAV apoia as vítimas de todos os tipos de crime, embora predominem estatisticamente as vítimas de crimes contra as pessoas com existência de violência (maus tratos; ameaças; crimes sexuais, violência doméstica; e muitos outros). Estão a ser apoiadas cada vez mais vítimas (e seus familiares) de crimes de furto (por esticção, de e em veículo motorizado, por carteirista, em casa por arrombamento), de roubo, de dano, de burla, de abuso de confiança, de falsificação de documentos, e outros crimes contra a propriedade; assim como de crimes de homicídio (voluntário consumado, por negligência em acidente de viação), de abuso de autoridade e discriminação racial ou étnica.

Das que mais procuram apoio, realça-se as vítimas (e familiares) dos crimes contra as pessoas, como sejam, o crime de homicídio, de ofensas corporais, de violação e outros crimes sexuais, de difamação de injúrias, de discriminação racial ou étnica e, nomeadamente, as vítimas de violência doméstica (sobretudo maus tratos psíquicos e físicos).

Cada vez mais vítimas de crimes de furto, de roubo, de dano, de burla, de abuso de confiança, de falsificação de documentos - crimes contra o património; e de crimes de abuso de autoridade e de outros, têm sido apoiadas pela APAV, pode ler-se no site.

Número de denúncias que chega à APAV Açores tem aumentado

14 AGOSTO, 2013

O número de denúncias que chega à delegação açoriana da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem vindo a aumentar. Apesar de, até ao momento, não existirem dados estatísticos, Sílvia Branco, gestora de apoio à vítima da APAV, refere que existem cada vez mais pedidos de ajuda, mas os processos de continuidade são os principais casos, como explicou à Atlântida.



(C) Direitos de autor



Sílvia Branco acrescentou ainda que o principal crime continua a ser o de violência doméstica. Para além desse, existem outros como a violência financeira sobre os idosos, furtos e crimes patrimoniais, onde é prestado apoio jurídico.

A gestora da APAV realçou ainda quais as causas fundamentais para o aumento das denúncias, por

parte das vítimas.

A associação juntamente com o Comando Regional da Polícia de Segurança Pública (PSP) tem desenvolvido ações de sensibilização junto dos jovens sobre violência no namoro, bullying e também toxicod dependência, o que leva a que haja um maior número de denúncias mesmo que sejam feitas de forma anónima.

Sílvia Branco salientou que os Açores continuam a ser a quarta ou a quinta região que mais contribui para as estatísticas.

Notícias de Aveiro

O tribunal de Aveiro condenou um homem e absolveu outro em processos distintos por abusos sexuais de menores.

Um homem já de idade, acusado de cinco crimes de abuso sexual de criança, foi condenado a três anos de prisão e a pagar 720 euros à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O arguido confessou tudo.

Atendendo aos factos em causa, o tribunal suspendeu a pena. "Espero que tenha aprendido", disse o juiz presidente.

Já outro arguido, de 55 anos, que respondeu por crimes de abuso sexual de menor dependente, no caso uma sobrinha que à data dos factos tinha feito 14 anos e "poucos dias", seria absolvido.

A rapariga não estava ao cuidado do tio, mas vivia institucionalizada, fazendo cair a acusação.

Nas visitas aos familiares, chegava a dormir com o arguido na mesma cama da mulher e de uma criança. O tribunal levou em conta que a abusada já tinha atividade sexual com terceiros. E assim o tio também não poderia ser acusado de abuso sexual de adolescente.

ARTES

EDIÇÃO Nº94, JULHO, 2013



A ARTE PELA VIDA | NO CENTRO CULTURAL DA MALAPOSTA

"DECIDI FAZER SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, PORQUE CRESCI NO MEIO DELA". ENTREVISTA COM SANDRA JOSÉ.

Nos próximos dias 6, 7 e 8 de Setembro o **Centro Cultural MalaPOSTa** (CCM) acolhe a peça **Não chove de baixo para cima** de **Sandra José**, para além de um conjunto de actividades que visam a sensibilização para as questões da violência doméstica. A Rua de Baixo falou com Sandra José, para saber mais sobre a peça e o movimento "A arte pela vida".

Como é que o trabalho "Não chove de baixo para cima" aconteceu na tua vida? O que te fez escrever sobre a violência doméstica?

O texto surgiu há uns 8 anos, como projecto final de uma formação técnica, em que o objectivo era a construção de uma personagem e respectivo texto. Escrevi o que viria a ser o "Não chove de baixo para cima" apenas com 2 páginas e apresentei-o na aula. O professor conversou comigo, no final, e incentivou-me a continuá-lo.

Decidi fazer sobre a violência doméstica, porque cresci no meio dela. Por um lado assisti à violência de uma prima, a Sofia (personagem na qual me inspirei), e por outro porque a vivi na minha própria casa, não de uma forma tão violenta, mas não menos cruel. O meu pai era vítima de violência por parte da minha mãe e em nós, filhas, também caíam as cinzas do incêndio.

A peça já esteve em cena em vários teatros: São Luiz, Turim, Centro Cultural de

Normalmente quem me recebe nunca reage de uma forma calma e sossegada pelo facto de ter nas costas um grande anonimato. Desconfiam sempre da actriz que ninguém conhece da televisão, que resolve aparecer sozinha, que abre a mala do carro, carrega os adereços, monta o cenário, orienta as luzes e o som com os técnicos e depois ainda resolve estar 55 minutos em cima do palco a falar sobre coisas esquisitas. No fim do espectáculo as coisas acalmam e até me ajudam e conversam muito comigo. Já com os espectadores é diferente. É muito bom porque tenho feito algumas parcerias com grupos especializados e psicólogos e, além de uma actriz em cima do palco, vêm uma paciente ou um exemplar de estudo. Analisam ao pormenor o que digo e faço e colocam-me questões que até a mim me deixam a pensar sobre o que escrevi. O público em geral agradece, alguns deixam-me mensagens mais tarde, porque não conseguiram falar comigo, a desabafar e a reverem-se muito com o que viram. Razão pela qual ainda faço este espectáculo.

Como é que o público tem recebido este trabalho?

Depende dos públicos, como disse atrás, mas noto que existe uma maioria de espectadores que engole em seco e não se manifesta muito. Se saírem da sala a pensar um pouco no assunto já valeu a pena.



Para além da peça da Sandra José, que estará em cena nos dias 6, 7 e 8 de setembro, "A Arte pela Vida" proporciona, ainda, as seguintes actividades:

No dia 5, o evento dá o seu primeiro passo, com uma actividade que vai ter início na sede da inicia na sede da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), por volta das 14h. Voluntários caracterizados como vítimas de violência doméstica irão deslocar-se da sede até ao metro de Lisboa, numa campanha de sensibilização.

LINKS EXTERNOS

APCD - Associação Portuguesa de Ciências Da Vida e da Arte

APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

Oficina de Pedagogia do Livro

<https://www.facebook.com/oficina.digitologia.lisboa>

PUB

leCOOL
REFRESCOS GRÁTIS



RELACIONADOS



FESTIVAL TEMPS D'IMAGES 2010
De 28 de Outubro a 21 de Novembro o Festival Temps d'Images, dedicado às artes performativas marca presença em Cascais (...)



TEATRO RÁPIDO | JULHO 2013
Um mês de malas a viajar e de boas viagens



UM ESTRANHO CHAMADO AMOR
Uma família disfuncional no Teatro Turim.



UNCOLETIVO
Uma organização que continua a crescer



AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT
Ferreir Mame Teatro sobe ao palco do Turim, para chorar amargamente



Estão a aumentar os casos de maus tratos a crianças, sinalizados pelos hospitais. Em Aveiro, por exemplo, o número de situações detectadas até julho já ultrapassava o total de todo o ano passado. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima diz que a crise está a aumentar os casos de negligência, mas sublinha que há mais denúncias porque a sociedade está mais consciente dos direitos das crianças.